



**FRANCISCA KARLYANE LIMA DE SOUSA**

**A CULTURA DA CARNAÚBA EM CAMPO MAIOR: HISTÓRIA, TRADIÇÃO E  
REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO PIAUIENSE**

**CAMPO MAIOR-PI  
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FRANCISCA KARLYANE LIMA DE SOUSA**

**A CULTURA DA CARNAÚBA EM CAMPO MAIOR: HISTÓRIA, TRADIÇÃO E  
REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO PIAUENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em História, da  
Universidade Estadual do Piauí, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciada  
em História.

**Orientador:** Profº. Ms. Ernani José Brandão  
Júnior

**CAMPO MAIOR-PI  
2025**

S725c Sousa, Francisca Karlyane Lima de.

A cultura da carnaúba em Campo Maior: história, tradição e representações piauiense / Francisca Karlyane Lima de Sousa. 2025. 57 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Heróis do Jenipapo, Licenciatura em História, Campo MaiorPI, 2025.

"Orientador: Prof. Me. Ernani José Brandão Júnior".

1. Carnaúba. 2. Campo Maior, PI. 3. Literatura Popular. 4. História Oral. 5. Patrimônio Cultural. I. Brandão Júnior, Ernani José . II. Título.

CDD 981.22

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
Francisca Carine Farias Costa (Bibliotecário) CRB-3<sup>a</sup>/1637

**FRANCISCA KARLYANE LIMA DE SOUSA**

**A CULTURA DA CARNAÚBA EM CAMPO MAIOR: HISTÓRIA, TRADIÇÃO E  
REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO PIAUIENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em História, da  
Universidade Estadual do Piauí, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciada  
em História.

**Orientador:** Prof. Ms. Ernani José Brandão  
Júnior

Aprovada em: 03 / 07 / 2025.

Nota: 9.5

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Ernani José Brandão Júnior/UESPI

(Orientador)

---

Prof. Dra. Mara Lígia Fernandes Costa/UESPI

(Examinadora interna)

---

Prof. Dra. Waldirene Alves Lopes da Silva/UESPI

(Examinadora externa)

Dedico esse trabalho a minha família, por todo  
amor e carinho compartilhado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças, sabedoria e serenidade em cada etapa dessa caminhada. Sem a presença constante dele, não teria sido possível chegar até aqui.

Aos meus pais, Maria Fernandes e Francisco Antônio, minha eterna gratidão. Com muito esforço, dedicação e amor, vocês sempre estiveram ao meu lado, me apoiando em todos os momentos e nunca medindo esforços para que eu superasse cada dificuldade. Tudo o que sou, devo a vocês.

À minha família, meu alicerce, especialmente à minha irmã Karla Lima, por todo o carinho, apoio e por sempre estar pronta para me ajudar no que fosse preciso.

Aos meus padrinhos, Ana Olinda e Antônio Rodrigues, que cuidam de mim como se fossem meus pais. Agradeço pelo acolhimento, pelos conselhos e por estarem presentes em todos os passos da minha vida

A Fernanda Fernandes, por sua amizade sincera, pelos conselhos, carinho e dedicação ao longo de toda a minha jornada. Obrigada Madrinha.

Aos meus primos, Anna Cecília Fernandes Rodrigues e Lucca Fernandes Rodrigues, que me ensinaram o amor mais puro. Cada abraço, sorriso e gesto de carinho foi uma força nos meus dias mais difíceis.

Aos amigos de caminhada que estiveram comigo mesmo antes deste processo acadêmico, meu sincero obrigada: Leilson Sousa, Maria José, Fernanda Sousa e Antônio de Pádua. Por todos os conselhos, pela ajuda nos trabalhos mais difíceis, pelas broncas quando necessárias e, principalmente, pelas piadas que tornaram tudo mais leve.

Agradeço também a Emanuel Alves, que, mesmo sem perceber, teve uma contribuição importante nesta jornada. Seu acolhimento, seus conselhos e a força que me deu nos dias mais difíceis foram fundamentais. Sou imensamente grata por sua presença.

Sou também grata pelas amizades que cultivei ao longo do curso. A Amanda Beatriz, minha parceira desde o início, com quem enfrentei os momentos mais desafiadores, sempre com apoio mútuo. A Idalice Abreu, Natália Sousa, Carlos Eduardo e Karoline Campelo, por cada conversa, troca e apoio nessa trajetória.

Um agradecimento a Fernanda Mikaele, que mesmo não sendo da minha turma nem estudando na mesma instituição, se tornou uma presença essencial. Sua

amizade, acolhimento e conselhos chegaram nos momentos em que eu mais precisei, e por isso serei eternamente grata.

Agradeço, com muito carinho, às famílias da Maria José e da Idalice Abreu, que me acolheram em suas casas como se eu fosse parte delas. Em seus lares, encontrei acolhimento, carinho e cuidado. Pude me sentir em casa e isso não tem preço. Vocês se tornaram uma família para mim.

Agradeço também ao meu professor e orientador, Ernani Brandão, que foi de extrema importância nesta fase final do trabalho. Sua orientação, paciência e contribuição foram fundamentais para a construção e conclusão deste TCC. Muito obrigada por todo o apoio.

Por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma. Pelos dias em que pensei em desistir, mas escolhi continuar. Por cada vez que levantei a cabeça, mesmo com lágrimas nos olhos, e segui em frente. Hoje, posso dizer com orgulho: eu consegui.

## RESUMO

Este estudo investiga a importância histórica, cultural, econômica e simbólica da carnaúba no município de Campo Maior-PI, adotando uma abordagem interdisciplinar entre história local, literatura popular e cultura regional. A pesquisa se baseia em fontes documentais, literatura de cordel, poesia, história oral e observação direta de práticas tradicionais ligadas ao ciclo produtivo da carnaúba. Os resultados revelam que a palmeira carnaúba desempenha um papel central na construção da identidade coletiva dos campo-maiorenses, sendo representada na literatura como símbolo de resistência, memória e pertencimento. Além disso, o estudo evidencia a importância do trabalho artesanal, sobretudo feminino, como forma de geração de renda e preservação cultural. O olhar poético e simbólico da carnaúba presente nas obras de José Cunha Neto, João Rodrigues Ferreira, Valdecy Alves e Rafael Nolêto contribuem para reforçar sua dimensão mítica e afetiva. A pesquisa conclui que a cultura da carnaúba constitui um patrimônio imaterial que conecta natureza e sociedade, merecendo reconhecimento, valorização e políticas públicas voltadas à sua preservação.

**Palavras-chaves:** Carnaúba; Campo Maior; Literatura popular; História oral; Patrimônio cultural.

## ABSTRACT

This study investigates the historical, cultural, economic, and symbolic importance of the carnauba palm in the municipality of Campo Maior, Piauí, adopting an interdisciplinary approach that integrates local history, popular literature, and regional culture. The research is based on documentary sources, cordel literature, poetry, oral history, and direct observation of traditional practices related to the carnauba production cycle. The results reveal that the carnauba palm plays a central role in shaping the collective identity of the people of Campo Maior, being represented in literature as a symbol of resistance, memory, and belonging. Moreover, the study highlights the importance of artisanal work, especially by women, as a means of income generation and cultural preservation. The poetic and symbolic perspective on the carnauba found in the works of José Cunha Neto, João Rodrigues Ferreira, Valdecy Alves, and Rafael Nolêto reinforces its mythical and emotional dimensions. The research concludes that the culture surrounding the carnauba palm constitutes an intangible heritage that connects nature and society, deserving recognition, appreciation, and public policies aimed at its preservation.

**Keywords:** Carnauba; Campo Maior; Popular literature; Oral history; Cultural heritage.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A CULTURA DA CARNAÚBA: UM OLHAR LITERÁRIO.....</b>	<b>16</b>
2.1 A cera de carnaúba na literatura: literatura, tradição e narrativa popular .....	18
2.2 Carnaúba em versos .....	23
2.3 A carnaúba: uma esperança em meio à crise.....	25
<b>3 O CICLO DA CARNAÚBA E SEUS TRABALHADORES.....</b>	<b>29</b>
3.1 Extração do pó de Carnaúba: Técnicas, Saberes Tradicionais e Dinâmica Familiar .....	30
3.2 A arte da vassoura de carnaúba.....	37
3.3 O Artesanato da palha de Carnaúba: Memória, Economia Identidade Cultura .....	42
3.3.1 Etapas da produção artesanal com palha de Carnaúba.....	44
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco principal um levantamento sobre um patrimônio imaterial, que busca identificar e compreender as expressões culturais que por muito tempo se tem destacado no meio cultural de trabalhadores e artesãos campo-maiorenses, como movimentação de renda e economia na cidade de Campo Maior, a Carnaúba. Assim, o objetivo principal desse estudo é analisar a importância histórica, econômica, social e cultural da carnaúba no município de Campo Maior, com ênfase nas representações simbólicas na literatura popular e na memória social local.

Nesse ponto, é relevante considerar o conceito de representação entendido por Roger Chartier (1990), como a forma pela qual os sujeitos constroem sentidos sobre o mundo social, ou seja, não apenas como um simples reflexo da realidade, mas como uma produção cultural que se encontra situada historicamente. Dessa forma, Chartier reflete as representações como construções ativas que são mediadas por práticas e instituições, portanto, este trabalho procura realizar uma análise sobre como a carnaúba é representada socialmente, afetivamente e simbolicamente, por meio das práticas narrativas e discursivas dos sujeitos de Campo Maior.

Convém ressaltar, que este estudo adota a concepção de cultura proposta por Chartier (1990), segundo a cultura, é constituída por representações e práticas que expressam formas de ver e agir no mundo. Constituindo-se além de um conjunto de obras ou tradições fixas, a cultura é entendida a partir dessa perspectiva trazida por Chartier como um campo de significações construídas socialmente, na qual a carnaúba em Campo Maior é ressignificada por meio da literatura popular das narrativas orais e práticas cotidianas do trabalho e memória.

No contexto desta pesquisa, a tradição também se apresenta como elemento central, sobretudo, quando se considera as narrativas populares, os cordéis e as práticas cotidianas ligadas à carnaúba. Conforme Hobsbawm (1997), as tradições são práticas simbólicas que, embora apresentadas como antigas, são constantemente recriadas para responder às necessidades do presente. Essa perspectiva de Hobsbawm (1997) dialoga com Chartier (1990), ao entender que a cultura e suas representações são construídas por meio das práticas históricas e sociais.

Assim, este estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: De que forma a cultura da carnaúba tem sido representada na literatura popular, nas narrativas orais e nas práticas sociais em Campo Maior-PI, e quais sentidos essas representações produzem sobre identidade, memória e resistência no período analisado?

A Carnaúba é uma espécie de palmeira pertencente à família *Arecaceae* e tem um nome científico *Copernicia prunifera*, é encontrada no semiárido da região Nordeste do Brasil, nos seguintes Estados: Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí e Ceará. Suas principais características são suas folhas verdes e levemente azuladas, essa aparência ocorre devido à cobertura da própria cera, estando presente apenas nas carnaúbas nordestinas, pois acredita-se que seja uma adaptação, devido ao clima quente da região, evitando a perda de água. Essa palmeira é encontrada na caatinga, normalmente em solos arenosos as margens de rios e lagos.

Campo Maior, localizada a 83 km da capital de Teresina, é conhecida como uma das cidades do Brasil que mais produzem o pó da carnaúba, o que gera uma grande movimentação na economia da região. Vale ressaltar, que desde muito cedo, a cidade é lembrada pela vasta vegetação desta palmeira. Ainda no ano de 1934, Campo Maior chamava atenção sendo um importante polo estadual do extrativismo, chegando a ser mencionado pelo Almanaque da Parnaíba (1934, p. 103): como “o expoente máximo no controle da cera de carnaúba”. Atualmente, a cidade é reconhecida como a terra dos carnaubais, justamente pela presença marcante da carnaúba.

As modificações urbanas começaram a ocorrer na cidade após o início da década de 1930, neste momento, a principal fonte de renda pública, piauiense e campo-maiorense, era a cera de carnaúba. Nesta época a palmeira já era uma importante fonte de renda, passando a ser o principal suporte econômico de Campo Maior, visto que o poder público passou a figurar como um dos grandes beneficiários, arrecadando enormes quantias que formavam a receita do município. De pouco modo, as pessoas mais simples e humildes eram beneficiadas pela geração de emprego, mesmo que provisórios. Nas palavras de Queiroz (2006, p.44), ele destaca que: “durante as décadas de 1930 e 1940, os preços da cera de carnaúba estiveram no seu apogeu, houve grandes modificações na sociedade piauiense devido ao crescimento vertiginoso da renda da população”.

Após a década de 1930, a cidade passou a ter uma nova estrutura urbana, que foi visível na transformação da sua paisagem.

Dessa forma, o recorte espacial dessa pesquisa delimita-se a cidade de Campo Maior, no estado do Piauí. Já seu recorte temporal abrange o período compreendido entre as décadas de 1970 a 2020, destacando os momentos em que a carnaúba teve papel significativo na economia e na cultura local.

Os carnaubais possuem grande importância econômica, social e histórica (Nobre et al., 2020). Deste modo, é necessário uma reflexão sobre a maneira de como as comunidades interagem com o meio e com o recurso explorado (Vieira; Loiola, 2014). Na cidade de Campo Maior-PI, a carnaúba passa a ser um símbolo de todo o município, pois quem passa pela cidade consegue identificar esta riqueza, a mesma está presente em vários pontos principais como: avenidas, ruas, praças e ao redor do açude grande, que é um importante cartão-postal da cidade, também aos arredores da igreja matriz de Santo Antônio, é vista com muita frequência nas localidades rurais, onde é realizada a extração da cera. É importante ressaltar, que podemos perceber sua representação na forma de arte, poesia, cordéis, músicas e até mesmo na dança.

**Figura 1: Parede no palco de eventos na praça Valdir Fortes**



Fonte: BRANCO, M. E. R. C. (2021).

Essa imagem retratada na figura 1, esta exposta na praça de eventos Valdir Fortes, podendo ser vista no palco de shows. O mosaico traz uma representação da fauna e da flora local, destacando duas árvores que representam as carnaúbas, fortalecendo a identidade visual da paisagem local.

A presença da carnaúba em diferentes lugares da cidade, seja a palmeira, ou a representação dela como vimos na imagem anterior, mostra a importância da mesma dentro da cidade. Essa relação da identidade produzida pela carnaúba na cidade pode ser entendida melhor pelas ideias do estudioso Bauman (2012, p. 34): “A identidade pessoal confere significado ao eu”. Já a identidade social implica esse significado, pois permite que se fale de um “nós” em que o “eu”, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades”. É garantido a identidade de terra dos carnaubais sempre que a carnaúba é vista nos arredores da cidade, sempre que é citada e lembrada.

A fundamentação teórica deste trabalho abrange um diálogo com os conceitos de identidade cultural, patrimônio imaterial e representação simbólica. Dessa forma, os principais autores que embasam a discussão são Zygmunt Bauman (2012), Antônio Cândido (2006), Terezinha de Queiroz (2006), Vieira e Loiola (2014), Nobre, Paulino, Moreira e Forte Neto. (2020), entre outros.

A escolha desse tema partiu de uma motivação pessoal, enraizada nas minhas vivências familiares e no contato direto com a realidade dos trabalhadores que dependem da carnaúba, que despertou a necessidade de colocar em palavras vivências desse pessoal ligado ao cultivo da carnaúba e ao trabalho com ela. A carnaúba é bastante retratada como um símbolo de resistência, visto que, permanece verde até nas épocas mais secas do ano e por ser uma importante fonte de renda para os moradores das regiões onde tem a prevalência desta palmeira.

Nesse sentido, durante toda minha infância, presenciei alguns processos de manejo desta rica palmeira. Meu pai, desde muito novo trabalha com a extração da cera de carnaúba, esta atividade econômica foi passada de geração em geração na sua família. Pude presenciar desde muito nova o processo da extração da palha de carnaúba, e da riscagem<sup>1</sup>. Na época da minha infância, o dia mais esperado era o dia da bateção da palha, pois nessa ocasião minha irmã e eu passávamos a tarde brincando no monte de palha já cortada, que era liso devido ao pó da carnaúba e tornava-se uma espécie de escorregador para nós. Durante o período entre agosto até dezembro o sustento da minha família era exclusivamente da extração da cera da carnaúba, pois, devido ao período de grande seca aqui no Nordeste, torna-se inviável para as pequenas famílias darem continuidade a agricultura.

---

<sup>1</sup>Como é chamado um dos processos que antecede a retirada do pó de carnaúba.

A carnaúba acompanha minha família todos os meses do ano. Durante muito tempo, meu pai trabalhou com a plantação de melancia para fins comerciais durante o período chuvoso, e para adubar o solo usava a bagg<sup>2</sup> da carnaúba, que ele conseguia extrair após a bateção da palha onde extraia o pó, tendo assim, um adubo e fertilizante natural para o bom desenvolvimento da sua plantação. Dessa maneira, pude perceber que em torno da carnaúba e com muito trabalho e dedicação meu pai sustentou nossa família. Minha mãe produzia a vassoura feita da palha da carnaúba, essa prática era para uso próprio. Ela aprendeu a produzir a vassoura feita da palha da carnaúba desde muito nova através de seus pais, de forma manual. Apesar de não comercializar a vassoura, ela fazia em grande quantidade, guardando-as em estoque, onde costumava distribuir entre parentes e a vizinhança.

Como veremos no decorrer desta pesquisa, da carnaúba tudo se aproveita, e entre minhas memórias o uso do fruto da carnaúba para alimentação dos animais é muito marcante, tornava-se uma saída para o período de estiagem, conseguindo manter o rebanho sem grandes perdas. Em auge a essas memórias dessa atividade que ainda se faz tão presente na minha família, confesso que não me vejo trabalhando outro tema. A exploração da carnaúba tinha uma grande importância para muitos grupos parentais, porque era uma atividade que absorvia grande mão de obra, ocupando por um período do ano a maior parte das populações locais. O preço da cera estava sempre em ascensão e os proprietários de carnaubais, ou mesmo os arrendatários, no intuito de obterem uma boa produção, também remuneravam à massa de trabalhadores relativamente bem. A renda proveniente da carnaúba passou a fomentar a ociosidade de recursos no Piauí, o dinheiro que era adquirido da renda de poucas arrobas da cera podia-se adquirir bom estoque de suprimentos para casa e para uso pessoal. (Araújo, 2008).

Com minha família não foi diferente, era da carnaúba que era tirado o sustento no período de seca, a atividade da extração da cera se configurava como o único meio de renda nessa época. Essa minha experiência, me proporcionou um contato maior com a carnaúba, despertando a curiosidade de pesquisar mais a respeito. Pude perceber então a necessidade de propagar o conhecimento sobre esta riqueza imaterial, presente em nossa cidade. Observei ainda a desinformação a respeito de campomaiorense que não entendem tamanha riqueza presente em nossas terras.

---

2 Material extraído da cera da folha de carnaúba.

Deste modo, ao procurar a melhor forma de propagar este saber, incluirei em meu trabalho, a ficção, pois, como expressa o autor Cândido (2006, p. 8) sobre o assunto: “A literatura nos oferece uma maneira de entender o mundo que vai além da mera coleta de dados; ela nos convida a explorar contextos culturais e simbólicos, permitindo uma interpretação mais profunda e rica dos fenômenos sociais”. A inclusão da literatura nesta pesquisa, assim como a arte, permitirá uma transmissão do conhecimento mais profunda em contextos culturais e simbólicos, com o intuito de enriquecer ainda mais a compreensão desta temática. Meu objetivo ao trabalhar com informações literárias é ir além de dados brutos, é trazer com maior riqueza de detalhes e profundidade a informação, ampliando a visão do imaginário popular. No entanto, nesta pesquisa, continuarei a integrar dados derivados de fontes históricas, entrevistas e fontes documentais, de modo a construir uma análise mais ampla e enriquecida.

Para a realização deste trabalho e para alcançar essa melhor compreensão sobre a importância da carnaúba, será fundamental e necessário o uso da historiografia local sobre este tema. Desse modo, será analisado as obras de importantes autores referentes a esta temática, como obra de Pauliana Maria de Jesus. – Reflexões Sobre A Modernização De Campo Maior Entre 1930-1970, Terezinha de Queiroz Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo, Almanaque da Parnaíba, O Rastro da Carnaúba de L. Araújo, Antônio Cândido-Literatura e sociedade, como também poesias do cordelista e poeta campomaiorense José Cunha Neto, dentre outros pesquisadores, historiadores e literatos que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto e que contribuirão para o desenvolvimento da pesquisa.

O uso da metodologia da História Oral também foi de suma importância para a realização desta pesquisa. São entrevistados locais, que lidam com a carnaúba no seu dia-a-dia, sendo assim, representantes de comunidades que se dispuseram a compartilhar saberes e experiências vividas. O senhor Antônio Mariano e Antônio Sales compartilharam seus depoimentos sobre a derrubada da palha, já o jovem Francisco dos Santos relatou sua experiência na produção de vassouras feitas com a palha de carnaúba. A artesã Maria de Lurdes Carvalho também contribuiu com esta pesquisa ao compartilhar seus saberes.

As fontes documentais e bibliográficas utilizadas nesta pesquisa são variadas e complementares. Mobilizando fontes bibliográficas, como, por exemplo, obras acadêmicas e estudos regionais; fontes documentais, como registros históricos e o Almanaque da Parnaíba; fontes literárias, como cordéis e poesias locais e fontes

orais, obtidas por meio de entrevistas com moradores e artesãos que têm experiência direta com a carnaúba.

A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, tomando por base a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas. A História Oral é utilizada como instrumento central para captar os saberes populares e as memórias sobre a cultura da carnaúba. O cruzamento entre literatura, relato de vida e dados históricos permite uma análise cultural integrada.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, a cultura da carnaúba é mostrada através da literatura, sendo contada por meio da lenda, de cordéis e poesias que destaca a importância desta palmeira para a cidade de Campo Maior-PI, revelando assim, que o valor da carnaúba vai além da sua comercialização. No segundo capítulo, analisamos a economia local baseada no papel da carnaúba na vida dos moradores de Campo Maior-PI através da história oral, com ênfase nos processos manuais, desde a tirada da palha de carnaúba, retirada do pó, fabricação das vassouras e do artesanato, como também sua comercialização. As entrevistas proporcionaram uma visão detalhada a respeito das práticas cotidianas que envolvem a carnaúba.

## 2 A CULTURA DA CARNAÚBA: UM OLHAR LITERÁRIO

Neste capítulo analisaremos a história e cultura da carnaúba contada através da literatura, trazendo aspectos regionais e locais do território dos carnaubais. Com o objetivo de destacar a riqueza cultural que envolve a carnaúba dentro da cidade de Campo Maior-PI.

Como aponta Chartier (1990, p. 13): “as representações não são cópias da realidade, mas sim construções que expressam formas de ver, de sentir e de narrar o mundo”. Assim, serão abordadas obras de autores locais e regionais, enfatizando a obra do poeta campo-maiorense José Cunha Neto, que utiliza a imagem da carnaúba como símbolo identitário de sua terra natal. O estudo traz também um diálogo com produções de outros autores populares como João Rodrigues Ferreira, conhecido como *Poeta do Riacho*, Valdecy Alves, e Rafael Nolêto, autores que as obras

evidenciam a simbologia e os múltiplos sentidos atribuídos à carnaúba na poesia, no cordel e na canção nordestina.

A obra de *Literatura e sociedade* de Antônio Cândido (2006) foi utilizada para embasar teoricamente a relação entre texto literário e contexto social, além das contribuições de Roger Chartier (2002) sobre o papel da literatura como reflexo e produto da cultura. O conceito de representação simbólica e identidade será sustentado por autores como Zygmunt Bauman (2012) e Roland Barthes (1980).

Dessa forma, as fontes utilizadas incluem a literatura de cordel, poesias, canções populares, lendas e obras acadêmicas, traz ainda materiais iconográficos, como, por exemplo, fotografias e imagens que ilustram e reforçam o conteúdo analisado. As fontes mencionadas possibilitam compreender como a carnaúba está presente na economia local e nas expressões artísticas e simbólicas que compõem a identidade cultural da cidade de Campo Maior.

Segundo Roger Chartier (2002), em *A história cultural: entre práticas e representações*, no que se refere a um projeto de história literária, diz que a forma como o historiador aborda os textos literários, torna-se um reflexo da sociedade e da cultura que os produzem:

Produzidas em uma ordem específica, as obras escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhe atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos. Articular a diferença que funda (diversamente) a especificidade da literatura e as dependências(múltiplas) que a inscrevem no mundo social: está é, a meu ver, a melhor formulação do necessário encontro entre a história da literatura e a história cultural (Chartier, 2002, p. 259).

A passagem indica que, por mais por mais que as obras literárias sejam elaboradas em um contexto mais específico e com uma determinada intenção, elas podem ultrapassar esse momento inicial quando são interpretadas e ressignificadas por diferentes públicos ao longo do tempo. Esse processo de atribuição de significado traz às obras novas dimensões e relevâncias, conforme os contextos culturais e históricos em que são analisadas. Dessa forma, a literatura torna-se fundamental nas análises históricas, visto que essas obras literárias conseguem capturar as visões de mundo, aspectos que nem sempre são registradas em documentos oficiais ou cronologias formais.

## 2.1 A cera de carnaúba na literatura: literatura, tradição e narrativa popular

A literatura de cordel possui um papel importante na história cultural do Brasil, principalmente no Nordeste, região onde se consolidou como uma forma popular de expressão cultural e artística. Trata-se de uma linguagem de fácil entendimento e de comunicação e preservação dos saberes.

Para o grande estudioso sobre o tema, o autor Luyten (1983, p. 16) o cordel surgiu: “a partir do século XII, como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Ela se caracteriza por ser uma linguagem regional e não em latim, que naquela época era a língua oficial de toda a Europa cristã”. Podemos perceber, que o cordel, também conhecido como literatura popular, inicialmente surgiu como um discurso alternativo, através de sociedades marginalizadas daquela época, onde os cordéis contavam nas suas histórias sobre os problemas enfrentados e as melhorias buscadas.

A expansão do cordel no Brasil, segundo Silva (2008), possui ligação com a tradição europeia medieval de contar história nas vilas e comunidades, com objetivo de repassar ensinamentos e tradições. Estes ensinamentos eram repassados pelos camponeses: “eram camponeses que conheciam as tradições do lugar; marinheiros que, através das constantes viagens realizadas traziam novidades; e Poetas nômades (menestréis, trovadores e jograis) que cantavam os poemas de aventuras e bravuras” (Silva, 2008, p. 26).

Como podemos perceber, o cordel atua como um meio muito utilizado para preservação de saberes e tradições. A carnaúba por ser um símbolo cultural nordestino inspira muitos poetas de cordel, que quando trabalham a cultura do Nordeste, incorporam elementos da cultura da carnaúba em suas obras, como é o exemplo do cordelista José Cunha Neto, nascido em Campo Maior-PI, em 2 de junho de 1924. Neto ficou conhecido por trazer em suas produções literárias beleza, histórias e culturas da cidade. O autor, com uma produção de vários livros e centenas de cordéis, ocupou a cadeira 12 da Academia campomaiorense de Artes e Letras – ACALE.

No dia 24 de fevereiro de 2010, Campo Maior perde um dos seus maiores autores da literatura popular. Apesar da grande perda, seu legado se faz presente até os dias atuais. Por isso, abordamos neste estudo alguns de seus cordéis que evidenciam a carnaúba em nossa cidade e região. Ao analisar suas obras, torna-se perceptível a importância da carnaúba. Apesar de não ter um cordel especialmente

focado nesta temática, José Cunha Neto sempre demonstra um apego a sua terra e aos verdes carnaubais nela existente.

[...]  
 Cheguei e trouxe um abraço  
 De minha terra natal  
 A bela Campo Maior  
 Com o seu traço original  
 Suas campinas floridas  
 Suas aves coloridas  
 Seu lindo carnaubal [...]  
 (Neto, 1986).

Neste cordel, José Cunha Neto, viajou para São Luís do Maranhão, escreveu esses versos com tom de saudades de sua terra natal, o que reforça a ideia da carnaúba como um símbolo da cidade campomaiorense. Antes mesmo de entrar na cidade, podemos perceber a presença marcante da carnaúba no cenário rural, urbano e em toda a BR-343, que liga a cidade a outras cidades próximas. A carnaúba, tornou-se um elemento que remete a identidade local, uma vez que em diversos lugares e circunstâncias, refere-se a cidade como “terra dos carnaubais”. Nesse sentido, a historiadora Pauliana Maria de Jesus ( 2020), afirma que a carnaúba passa a ter um valor não só material, mas também passa a constituir-se como um dos símbolos identitários da cidade devido à predominância dessa árvore na paisagem local, não só na zona rural como também no espaço urbano, uma vez que a cidade ganha a conotação de “terra dos carnaubais.

**Figura 2: Paisagem Rural na BR 343, Carnaubal em área alagada**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2025).

Neste cenário, as margens da rodovia, a carnaúba não passa despercebida, a imagem por si só já é uma poesia, que se torna um símbolo da cidade, a imagem,

como a linguagem, funciona como um sistema de signos. Esses signos podem ser manipulados para criar significados que extrapolam o seu valor literal. Assim, a fotografia de um lugar, por exemplo, pode carregar um mito em torno daquele local, um valor culturalmente construído (Barthes, 1980, p. 135).

Como podemos perceber, Roland Barthes discute como as imagens podem carregar uma simbologia, um significado que pode ser cultural e simbólico, indo além do que é apenas visual. Imagens como esta, nos remete cada vez mais a famosa terra dos carnaubais. Destas riquezas poéticas, visuais e culturais, podemos citar também a econômica. José Cunha Neto, em um de seus cordéis trabalha sobre os produtos de exportação, e o primeiro a ser mencionado é a cera de carnaúba. Um exemplo disso pode ser observado nos versos abaixo, em que o poeta exalta a relevância econômica da carnaúba para o estado:

Tem muitos produtos  
Alguns deles de valor  
A cera de carnaúba  
Que vai para o exterior  
É enorme a produção  
É legítima do torrão  
Deste Piauí de amor [...] (José Cunha Neto, 1981).

Neste verso, a carnaúba é retratada como algo de valor, reforçando a riqueza desta palmeira no território nordestino. A carnaúba, tem uma contribuição econômica para todo este território. O extrativismo da cera no Piauí, foi um suporte para economia nos anos 1914 a 1947. Queiroz (2006), mostra que a maior parte da produção da cera foi exportada para alguns Estados, como também, para muitos países europeus. A autora ressalta a grande relevância do produto a partir da segunda guerra mundial, em 1914, visto que, o produto tinha grande uso como um elemento importante para produção de pólvora. Após esse ano, a cera tornou-se a principal base da economia piauiense, isto é, com um aumento cada vez maior no seu preço devido a conflagração do segundo conflito mundial, seguiu com os preços altos até o ano de 1947, quando ocorreu a queda de preço. Desde então, a extração da cera de carnaúba, permanece sendo uma fonte de renda para inúmeras famílias da região.

Em Campo Maior, a produção da cera de carnaúba possui relevância histórica e econômica, embora historicamente exista um baixo investimento no extrativismo. Ainda assim, a atividade manteve-se significativa, deixando marcas que perduram até hoje. Segundo Jesus (2020), a cera de carnaúba chegou a ocupar o segundo lugar na

pauta de exportações do Piauí em 1922. Mesmo após o declínio de seu auge comercial, a extração da carnaúba permanece como uma fonte essencial de renda para inúmeras famílias campo-maiorense, especialmente durante o período de estiagem, como ocorre com a minha própria família.

Mais do que um produto de valor econômico, a carnaúba incorpora-se ao cotidiano e as estratégias de sobrevivência da população local, articulando aspectos materiais e simbólicos. Essa presença contínua permite compreender a palmeira não apenas como um recurso natural, mas como um elemento estruturante das práticas sociais, dos saberes tradicionais e das formas de pertencimento cultural. Sendo o Brasil o único país que produz a cera de carnaúba, torna essa prática ainda mais rica e importante. No cordel “A Carnaúba: árvore da vida” de José Carlos Corrêa de Araújo, é descrito detalhadamente os diversos usos da cera de carnaúba, destacando seu uso na indústria de cosméticos, farmacêutica, automobilística, na indústria alimentícia, produtos de limpeza e polidores. Essa valorização dos múltiplos usos da carnaúba também é abordada por outros autores populares, como José Cunha Neto, que em seus versos ressaltam o aproveitamento da palha em diversos produtos artesanais.

[...] A palha da carnaúba  
 Pode-se aproveitar  
 E fabricar tudo enfim  
 Artigos para se usar  
 Chapéus, sacolas e calçados  
 Levando para outro Estado  
 O turista vai gostar.  
 (Neto, 1981).

Convém ressaltar que ao integrar esse tipo de produção literária à análise histórica, é possível compreender que o cordel não apenas narra uma realidade vivida, mas também registra e ressignifica práticas sociais que, muitas vezes, não se encontram documentadas em fontes oficiais. Nesse sentido, Burke (1992), ressalta que o historiador deve considerar as formas de expressão simbólica, como, por exemplo, os textos literários, visuais e orais, como testemunhos legítimos da cultura popular. A partir desse olhar comprehende-se que o cordel corresponde a uma fonte de grande importância para a História Cultural, permitindo o acesso à memória coletiva, às representações do cotidiano e às interpretações populares sobre o mundo social.

É ainda importante salientar o que lembra Michel de Certeau (2002), que a escrita da história corresponde a uma operação que seleciona, interpreta e dá sentido

ao passado a partir de práticas discursivas que envolvem ainda o imaginário e a linguagem simbólica. A partir dessa percepção entende-se o valor metodológico da literatura enquanto um dispositivo de compreensão histórica. Ao utilizar o cordel e a poesia como fontes, este trabalho propõe uma leitura ampliada das experiências históricas, revelando a importância simbólica e econômica da carnaúba através da sensibilidade do olhar poético.

Ao analisar um pouco sobre a importância da carnaúba, podemos observar a partir das obras do autor José Cunha Neto, a valorização e representatividade que a ela proporciona para Campo Maior. Porém, ainda assim, ela não tem todo reconhecimento que merece dentro da “terra dos carnaubais” tendo em vista que muitas vezes acaba sendo mais saudada e enaltecida por escritores de outros estados. Como é o caso do cordelista João Rodrigues Ferreira, conhecido como Poeta do Riacho, nascido no Ceará que enaltece o Nordeste e suas riquezas através do cordel. Veremos a seguir trechos de um de seus cordéis mais importantes e reconhecido. “Carnaúba, árvore da vida”:

“CARNAÚBA, A ÁRVORE DA VIDA

[...] Não só bela é a carnaúba  
Primorosa produtora  
Seus infinitos atributos  
Fazem-na fornecedora  
Da indústria brasileira  
Parceira e mantenedora.

Suas benditas raízes  
Têm uso medicinal  
Seu fruto é bom nutriente  
Para ração animal  
Sua palha é utilizada  
No mercado artesanal.

Para qualquer construção  
Seu tronco é forte madeira  
Resistente e mui fibrosa  
É obra pra vida inteira  
Vai da construção civil  
A ponte, cerca e porteira.

De todos seus componentes  
(Todos têm sua importância)  
A palha é quem se destaca  
Não só por sua elegância  
Mas por ser de multiuso  
E grande é sua relevância.

Com ela se faz trançados  
Artesanato e surrão  
Que tem grande utilidade

No litoral ou sertão  
 Pra fortificar o solo  
 Serve como adubação. [...]  
 (Ferreira, 2011).

Podemos perceber nesses versos, que o autor faz uso de uma linguagem bastante rica e poética para descrever as riquezas provenientes da carnaúba, ressaltando sua preciosidade e diversas utilidades, desde o caule, até seus frutos, sendo essenciais principalmente durante a seca, como fonte de renda com a extração da cera de carnaúba, sendo considerada por ele um verdadeiro tesouro da natureza.

No decorrer deste cordel, de forma simplista foi repassado informações de grande relevância sobre esta palmeira tão rica em todo o Nordeste brasileiro. Alves (2010), relata a forma como o cordel estrutura toda sua escrita. Trazendo seus elementos de forma poético-narrativos, que mostram uma peculiaridade com os modelos tradicionais de literatura; métrica, rimas, estrofes são indicadores de uma tradição clássica; seus personagens, uma representação de um tipo comum ao sertanejo, seu espaço e seu tempo: o da memória.

## 2.2 Carnaúba em versos

De acordo com a explicação etimológica, a palavra **poiesis** em grego estava ligada ao verbo **poiein**, cujo sentido originário era “fazer”. Com isso, qualquer trabalho feito manualmente ficaria no domínio do “fazer poético”. Foi somente a partir do pensamento de Platão<sup>3</sup> que o conceito começa a ter uma significação especializada, passa a aparecer mais claramente como atividade criadora em geral. Em um sentido amplo “poesia” é um termo que faz referência a tudo que é poético, tudo que envolve emoção, sentimento, admiração, um novo modo de contemplar o mundo. Esse olhar poético e filosófico encontra expressão nos versos a seguir, que atribuem à carnaúba um caráter simbólico de força e permanência diante das adversidades.

[...] Quantos temporais  
 Quantas ventanias  
 Tem resistido magistralmente?  
 Mantendo-se na paisagem  
 Como enfeite  
 Como troféu da própria vitória!

És capaz assim, de resistir

<sup>3</sup> Importante filósofo grego da antiguidade, nascido provavelmente em 427 a.C.

Qual a carnaúba?? ...!!!. [...]

Dança ao horizonte imóvel  
Silhuetas a noite enluaradas  
Abrigo à vida voante  
Renda ao camponês faminto [...]  
(Alves, 2011).

Podemos perceber as características da poesia no poema de Valdecy Alves “à carnaúba numa manhã de sol”, onde o autor celebra a carnaúba, exaltando sua resistência e grande importância, através de uma linguagem poética, o autor conta as maravilhas que a carnaúba os traz, desde uma bela paisagem até a “renda aos camponeses famintos”. Nessa perspectiva, cabe ressaltar que

A poesia existe em toda parte, em todo lugar, em todos os momentos. Compete ao poeta captá-la e transportá-la para o livro ou para o filme, ou para a televisão, ou para a música, ou para a dança, ou para o rádio... O poeta é o que ver poesia onde o comum dos mortais não vê nada, além do trivial. A Poesia é necessária, porque nos revela, como as lentes, de quem tem problemas visuais, um mundo de maravilhas que não saberíamos ver sem ela (Carvalho, 2005, p. 83).

Desse modo, o papel do poeta é captar e transportar aquilo que para muitos é algo comum e sem maior importância. Na cidade de Campo Maior, reconhecida como a terra dos carnaubais, apesar de esta presente no cotidiano dos moradores, essa palmeira acaba passando despercebida, e por muitas vezes desvalorizada. Por isso a importância de um olhar artístico e poético sobre tamanha riqueza presente na terra dos carnaubais.

Em meio a uma poesia cantada, Rafael Nolêto, um artista piauiense, faz uma saudação a carnaúba, referindo-se a ela como “índia morena”. Ela é colocada na letra da poesia como a salvadora, como uma esperança em meio a seca e a pobreza. Vejamos a seguir:

No meio dos montes de areia  
Num deserto ela vem para salvar  
Aparece como índia morena  
Para a vida resgatar [...]  
(Nolêto, 2021).

A carnaúba é representada nessa poesia como uma imagem poética e simbólica , “índia morena”, uma figura que remete a ancestralidade indígena, a força feminina e a esperança em meio a aridez do sertão nordestino. A palmeira é personificada como uma entidade salvadora, reforçada na expressão “vem para salvar”. Esse trecho da poesia sintetiza o significado simbólico da carnaúba, que se alinha ao objetivo desse trabalho de compreender como essa planta é representada

nas manifestações literárias e culturais, como símbolo de resistência, identidade e subsistência. Nesta poesia, a carnaúba é descrita como uma salvadora da vida, é comum em poesias referências como essa, mas, este conceito pode ser entendido também fora desse meio literário. Em uma pesquisa realizada pela Embrapa Meio-Norte, reforça-se a ideia da carnaúba como “salvadora” do Nordeste brasileiro em meio a seca.

A carnaúba é uma planta nativa da região semiárida, onde a seca é um fenômeno recorrente. Suas adaptações ao clima seco a tornam uma aliada no combate à desertificação. Ao mesmo tempo, a exploração sustentável de seus subprodutos, especialmente a cera, oferece uma alternativa de geração de renda para as populações que vivem nessas áreas, combatendo a pobreza rural (Embrapa Meio-Norte, 2023).

O combate a desertificação como citado, é de suma importância visto que, em meio a seca, a carnaúba permanece verde, produzindo frutos e sombras. Desde modo, além do sustento derivado de sua cera, que gera renda e leva o sustento a diversas famílias, pode-se usar seu fruto para alimentar os animais da região, essas e outras utilidades reforçam a visão dos poetas, a visão de salvadora.

### **2.3 A carnaúba: uma esperança em meio à crise**

A formação dos saberes do ser humano é o acúmulo de conhecimentos e valores que são repassados pelos seus antepassados, seja uma receita de família, uma tradição anual, um remédio caseiro, alguma lenda, essas informações são repassados por observação, pela oralidade ou através da escrita. O principal meio e mais característico é a linguagem, pois, através desta foi possível reunir as diferentes experiências das culturas.

Vimos até aqui, a importância da carnaúba no meio social e econômico, veremos agora sobre seu meio cultural, através da lenda, da dança e da religiosidade. Veremos agora sobre um importante conto que faz referência a uma história tradicional, que é repassada de geração em geração, reforçando a importância dela. A Lenda da Carnaúba, perdeu-se no decorrer dos anos e tornou-se de difícil acesso. Porém, foi reimpresso em fac-símile<sup>4</sup>. Com desenhos produzidos por Paulo

---

<sup>4</sup>Reprodução ou cópia exata de um material.

Wernek e o texto de Margarida Estrela Bandeira Duarte, que traz na sua escrita a lenda contada em uma forma da atualidade.

**Figura 3: A Lenda da Carnaúba**



Fonte: WERNEK, P. (2000).

A Lenda da Carnaúba é um conto indígena, que se passa em um período de seca severa, na qual, pessoas, animais e plantas estavam morrendo por falta de água e de alimentos. Em meio a esta crise, em busca de alguma esperança, uma família resolve sair da sua etnia. Durante sua viagem, encontram uma palmeira, verde e bonita. A lenda retrata que em um momento a carnaúba fala com um dos indígenas e traz orientações para que, através dela pudessem sobreviver a seca que enfrentavam. Segundo a lenda, a carnaúba é uma dádiva enviada pelos deuses para o povo nordestino, lhes mostrando como sobreviver usando suas folhas, frutos, tronco e todas as coisas que podem ser produzidas tendo por base a carnaúba. Nessa perspectiva;

[...] as lendas articulam questões com as quais a comunidade se vê às voltas para explicar. Podemos aqui interpretar essas questões como sendo medos, ansiedades, polêmicas e interditos que uma sociedade precisa simbolizar, até certo ponto inconscientemente, na forma de narrativas. Essas narrativas viriam então confirmar ou questionar concepções de mundo tidas como válidas dentro da comunidade em questão (Lopes, 2008, p.383).

Segundo Jean Pierre “a lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas”. Nesta perspectiva, a lenda torna-se um importante material para o historiador. Como elemento essencial para entender costumes, crenças e tradições. A cultura da

extração da carnaúba é passada de geração em geração como veremos mais adiante, e o uso da lenda para entender essas tradições é importante levando em consideração que não se sabe ao certo como e onde surgiu.

Como mencionei, a carnaúba é um grande suporte econômico na cidade de Campo Maior, o crescimento da produção da sua cera movimentou o comércio local, gerando renda para a população, não dependendo de estudo para esta realização, era onde muitos trabalhadores, principalmente rurais, encontraram uma forma de sobrevivência. De todo modo, das várias utilidades dela, podemos citar a dança, com a letra musical escrita pelo compositor Corinto Brasil, vejamos:

Carnaúba de Campo Maior  
 Teu casco serve  
 Para fazer ripa  
 De cumeeira

As asas verdes  
 Que tens contigo  
 Aceita o sol  
 Azul e ardente  
 Queima demais

Teu tronco é muito forte  
 Possui uma rigidez imensa  
 Que séculos não cessa  
 Mais e mais e mais  
 (De Lima, 1995, p. 83-84).

Nesta letra, torna-se perceptível diferentes utilidades da carnaúba, a música cantada acompanha os movimentos da coreografia. A poesia valoriza a resistência e versatilidade da palmeira ao destacar a força de seu tronco e a utilidade de seus componentes. A metáfora “as asas verdes” para suas folhas reforça a leveza visual da palmeira em contraste com a dureza do sol e a rigidez do tronco, revelando o equilíbrio entre delicadeza e força, qualidades que a tornaram símbolo da identidade campomaiorense. A dança da carnaúba foi criada como uma forma de representação para o município de Campo Maior, em 1985 pelo professor Carlos Vieira, esta dança tornou-se uma parte da cultura dos cidadãos, justamente por sua coreografia esta relacionada ao trabalho artesanal manual da carnaúba.

A dança é instrumentalizada por sanfonas, pandeiros e triângulos; semelhante a um forró. Os passos da dança remetem a movimentos realizados no trabalho manual realizado pelos trabalhadores, apanhação de palha, trança, chapéu, cera, entre

outros. As apresentações são formadas por grupos com 16 integrantes, vestidos com trajes apropriados, em uma apresentação que dura em média 30 minutos e enaltece essa que seria o ouro verde de Campo Maior. Esta apresentação de dança foi se perdendo com o passar dos anos e acabou sendo esquecida por muitos moradores da região, porém, ainda assim permanece dentro do meio cultural da região, sendo lembrada principalmente pelos mais velhos que presenciavam as apresentações.

Assim, a cidade de Campo Maior, apresenta uma grande diversidade cultural envolvendo a carnaúba. Ao abordar esse meio literário tão rico, é possível adentrar ainda mais nos saberes sobre a riqueza simbólica dessa palmeira, que vai muito além do seu valor comercial e econômico para a cidade.

Observa-se que as produções literárias analisadas ao longo esse capítulo constrói, conforme a perspectiva de Chartier (1990), representações socialmente situadas, em que a carnaúba deixa de ser apenas um recurso vegetal, passando a ocupar um lugar simbólico de pertencimento, assim como de resistência e ancestralidade no imaginário local.

### **3 O CICLO DA CARNAÚBA E SEUS TRABALHADORES**

Usar como metodologia de pesquisa a História Oral tornou-se de suma importância para este estudo, visto que o objetivo deste capítulo é entender e explorar de forma mais detalhada a importância da carnaúba na vida dos trabalhadores, como também compreender os processos que envolvem esta atividade.

Para um melhor aprimoramento deste estudo, foram realizadas entrevistas com trabalhadores e artesãs que tem como fonte de renda a árvore em questão. A entrevista se deu por meio de perguntas elaboradas de acordo com a temática, que foram se aperfeiçoando no decorrer da entrevista.

As falas dos entrevistados também revelam representações construídas da carnaúba, com forte carga afetiva e simbólica. Em consonância com Chartier (1990), essas representações são decorrentes do cruzamento entre práticas sociais, como, por exemplo, o trabalho com a extração ou o artesanato, e estruturas simbólicas, como é o caso dos valores comunitários, da religiosidade e da oralidade. Tal árvore aparece nas memórias como um elemento que organiza o tempo, a vida familiar e a luta cotidiana no semiárido.

Para tanto foram entrevistados: Francisco Antonio de Sousa, de 52 anos, que trabalha com a extração do pó da palha de carnaúba desde criança; seu ajudante Antonio Sales da Silva, de 41 anos, que atua na área há cerca de 15 anos; Francisco José Andrade dos Santos, de 28 anos, que, apesar de jovem, trabalha desde cedo na produção de vassouras e bateção da palha no cacete, seguindo os passos do seu já falecido pai, e por fim da artesã Maria de Lurdes Carvalho, que não revelou a idade, mas tem na produção de bolsas e cestos de carnaúba o sustento de sua família.

A partir dessas contribuições, foi possível o diálogo das fontes orais, culturais, históricas e sociais no decorrer do capítulo, evidenciando a importância da carnaúba na vida de trabalhadores campomaiorense e da riqueza da tradição que envolve os processos manuais dela.

### 3.1 A Extração do Pó de Carnaúba: Técnicas, Saberes Tradicionais e Dinâmica Familiar

O extrativismo é uma prática econômica antiga no Brasil. Há registros desde a chegada dos portugueses em 1500 com a extração do Pau-Brasil. Esta atividade agrícola, presente até os dias atuais, consiste na extração de bens da natureza com a finalidade de comercialização ou consumo próprio.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2024, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Nordeste brasileiro historicamente concentra os maiores índices de pobreza do país. Ao analisar especificamente os estados do Piauí e Maranhão, percebe-se o crescimento de uma atividade econômica desenvolvida por grupos de baixa renda, o extrativismo vegetal, com destaque para os produtos babaçu (*Orbignyo speciosa*) e da carnaúba (*coprnicia prunifera*).

Em Campo Maior, o extrativismo da carnaúba é bastante comum, principalmente na zona rural e nos arredores da cidade. Ao realizar entrevistas com pessoas que trabalham diretamente com a extração do pó de carnaúba, pude perceber a importância dela de uma forma geral para todos os envolvidos, tanto para os trabalhadores quanto para suas famílias. Ela atua na geração de renda e traz uma melhor qualidade de vida para os trabalhadores, visto que o sustento de muitas famílias da região Nordeste é baseado no extrativismo da carnaúba. Portanto:

A carnaúba possui grande importância sob o ponto de vista econômico para as populações das regiões de onde é nativa, pois dela quase tudo é comercializado, gerando renda não só para a população local através da venda de artesanato e produtos manufaturados, quanto também para grandes empresas que exploram sua cera (Rodrigues, 2004, p. 23).

Como podemos observar na citação, a extração do pó de carnaúba movimenta a economia como um todo incluindo as grandes empresas que são responsáveis pela exportação da cera de carnaúba. No decorrer das entrevistas, tive a oportunidade de conhecer melhor dois métodos de extração desse pó: batendo da palha de forma manual, quando a palha já está seca, são batidas manualmente com bastões (cacetes) para desprender o pó cetrífero, nesta prática a palha está pronta para ser utilizada na produção de artesanato.

Já o segundo método é a batendo na máquina, que é o mais utilizado devido sua praticidade e rapidez. Em comparação com o método anterior, este possui uma desvantagem. Queiroga (2017) explica que Alves e Coêlho (2008) admitem que a desvantagem

da batificação mecânica em comparação ao manual é a de deixar resíduos de palha triturada em meio ao pó, o que dificulta as fases industriais de extração e clareamento da cera. O processo, desde a tirada de palha até a batificação, é de suma importância, pois definirá a qualidade e o valor final da cera, bem como se está apta à exportação.

Vale ressaltar, como afirma Aguiar (2012), que a cera da carnaúba tem grande importância no contexto econômico de Campo Maior, possuindo relação direta com o desenvolvimento da cidade e com sua urbanização levando este a ser considerando um dos municípios mais prósperos da região.

O marco inicial desse processo é o arrendamento da terra. Sousa (2024), relata que dá início a esse processo logo no começo do ano, se a gente não for rápido, vem outro e pega nosso lugar. O arrendamento da terra é, muitas vezes feito por "contrato oral": dá-se uma quantia para o dono da terra e conquista-se o direito de trabalhar nas terras. Por isso, há a preocupação em garantir logo o direito às áreas de predominância da carnaúba.

Logo após finalizar a primeira etapa, dá-se início à formação do grupo de trabalhadores. Normalmente, são grupos familiares, nos quais reúnem irmãos, primos, pais e muitas vezes avós. A agricultura familiar já é regulamentada Lei Nº 11.326, de 24 de junho de 2006, a qual define que:

é agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, nas seguintes condições: Silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, povos indígenas e integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos e comunidades tradicionais que atendam aos critérios da lei também podem ser considerados agricultores familiares'. (Lei Nº 11.326, 2006).

No processo de extrativismo da carnaúba, é muito comum e significativa a atuação familiar em todos os processos. Nesta forma de trabalho, os métodos utilizados para a extração do pó são passados de geração em geração. Sousa ainda relatou a naturalidade a qual ele foi inserido neste meio:

Eu estudei até o segundo ano do ensino fundamental, não sei ler nem escrever direito, como era o irmão mais velho, cedo meu pai me levou pra trabalhar e foi me ensinando as coisas que ele já sabia, o jeito certo de derrubar palha, riscar, como deve secar, me ensinou tudo, ai quando vi já tinha largando a escola e tô nessa até hoje, com a graça de Deus (Sousa, 2024).

Deste modo, os saberes sobre a carnaúba são repassados e executados, muitas vezes, por membros da mesma família desde muito cedo. A questão da

escolaridade citada pelo entrevistado está inserido na época de 1970, na qual o acesso à escola era difícil. Sousa relata, ainda, que para ajudar na renda familiar abandonou a escola e deu início aos trabalhos rurais. Uma prática ainda vista na atualidade, principalmente em famílias mais pobres.

Com a chegada do período de seca na região, é o momento inicial ao processo de extração da cera. O primeiro passo é a atividade de derrubada da palha, um dos processos mais delicados, pois envolve o manuseio de instrumentos perfurantes e cortantes, sendo necessário alcançar e cortar as palhas que estão em grandes alturas.

**Figura 4: processo da derrubada da palha**



Fonte: revistaaz.com.br (2023).

**Figura 5: ferramenta utilizada para derrubar a palha**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

Podemos observar acima na figura 4, o vareiro, que é o responsável por derrubar a palha de carnaúba. Esta etapa é considerada, pelos trabalhadores que foram entrevistados, como a mais complexa de todo o processo. Podemos observar, ainda, suas vestimentas, que os protegem do sol, os sapatos e luvas que os resguardam contra espinhos. As vestimentas tanto do vareiro quanto do aparador da

palha são semelhantes, como pode ser observado. Normalmente, a derrubada da palha é executada pelos trabalhadores mais experientes e com maior força.

A ferramenta utilizada para o corte das folhas é uma vara de bambu, um material pesado, e em sua ponta superior, está uma lâmina bastante afiada (foice), como pode ser observada na figura 5, a qual requer prática e força para evitar acidentes. Silva (2024) “menciona ainda que: “mas também tem o jeito certo de derrubar, se não mata a planta e no próximo ano não tem o que tirar”. Podemos confirmar este saber logo abaixo:

O corte da palha é feito concomitantemente, embora o vareiro encarregado do corte das folhas de olhos seja mais cuidadoso para não maltratar a palmeira, evitando não quebrar o “mangará” por ser a parte de crescimento do tecido do caule. Caso contrário, implicará na sua morte (Queiroga, 2017, p. 105).

Queiroga explica a importância de manter os cuidados na hora do corte da palha e manter o mangará conservado, evitando assim a morte da palmeira. Com a palha já sobre o solo, o aparador se encarrega de juntá-las e as prepara para a secagem. No decorrer da entrevista, foi possível observar a satisfação dos trabalhadores que veem neste processo uma forma de levar sustento à família. É notável também o empenho deles para conseguir um pó de boa qualidade, segundo Silva, (2024): “quanto melhor a qualidade do pó, mais dinheiro pra gente”. Essa preocupação com a qualidade do pó também pode ser vista com o receio de chuvas fora de época. Sousa (2024): “Depois de botar a palha pra secar, se chover, tem que esperar secar tudo de novo, e já não tem a mesma qualidade nem quantidade de pó”. Por este motivo, torna-se inviável a secagem da palha durante o período chuvoso.

**Figura 6: Secagem da palha**



Fonte: BORANG, F. A. (2024).

Pode-se observar na figura 6 dois estágios no processo de secagem da palha: um, de tonalidade mais clara, já está exposto a mais dias ao sol; já as palhas mais verdes estão sendo postas para secar no momento em que a foto foi tirada. No sistema de secagem da palha a céu aberto é necessário manter a vigilância para o seu recolhimento em caso de chuvas ocasionais. A perda de pó e sua contaminação com areia e outras sujeiras são inevitáveis quando essas palhas são espalhadas no chão para secar (Queiroga, 2017). Por estas razões, entende-se o grande cuidado e preocupação dos trabalhadores com o manuseio da palha de carnaúba.

Ao finalizar o processo de secagem, é chegado o momento da batificação. Como citado anteriormente há dois métodos mais comuns, por meio mecânico e por meio manual. O uso do maquinário para a extração do pó é o mais comum, por sua praticidade e rapidez. Sousa (2024) relata, que: “realiza a batificação da palha de forma mecânica uma a duas vezes por mês”.

**Figura 7: Batação da palha de carnaúba por meio de maquinário**



Fonte: site 180 graus, 2014.

Nesta etapa, que pode ser observada na imagem acima, a palha é triturada e o pó peneirado de forma mecânica, separando o pó da palha em pedaços. Este processo aumenta a produtividade e atende melhor às demandas das indústrias. Além disso, essa mecanização ajuda a manter uma padronização da cera produzida. Os pedaços da palha são usados como um adubo e fertilizante natural.

Durante a entrevista, encontrei uma resistência do grupo em relação às fotos, pedindo para que eu não fotografasse o local. Percebi um receio por parte deles à divulgação das imagens, o que pode ser compreendido pelo crescente número de fiscalizações e multas, visto que o setor apresenta altos índices de informalidade, o que muitas vezes resulta em um trabalho desprotegido e degradante. É importante

ressaltar que durante a entrevista não foi abordado está temática por pedido dos entrevistados.

Já no processo manual requer uma estrutura diferente da vista anteriormente. Este processo é visto com menos frequência, porém carrega consigo tradição e cultura. No interior de Campo Maior, em uma localidade chamada Passarinho 2, a cerca de 40 minutos do centro urbano da cidade, tive a oportunidade de conhecer melhor está atividade, o que possibilitou um melhor entendimento sobre este processo que ultrapassa gerações. As imagens apresentadas a seguir detalham este processo.

**Figura 8: casa onde é realizada a batificação manual da palha**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

**Figura 9: Equipamentos**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

Como podemos observar acima, a batificação de palha no cacete é realizada de forma tradicional, o trabalho é feito com as mãos e ferramentas simples. O processo da preparação da palha é o mesmo citado anteriormente. No entanto, a extração do pó deve ser feita em um local fechado, como podemos ver na imagem 8 para que durante o processo o pó não seja levado pelo vento. Por isso, é feito em uma casa de barro coberto pela palha de carnaúba.

As ferramentas utilizadas, mostradas na figura 8, são feitos de madeira e possuem formatos diferentes: a haste é um pedaço de madeira utilizado para bater a palha, já o gancho (ou trava de madeira como também é conhecida), serve para apoiar a palha da carnaúba.

**Figura 10: Fase em que se dá a batida da palha de carnaúba para a retirada do pó**



Fonte: SANTOS, F. J. A. (2008).

Na imagem pode ser observado como o processo da batição manual é realizado, apenas com um pedaço de pano para proteger o nariz e boca contra o pó da carnaúba, que se espalha por toda a sala enquanto o homem bate a palha. De acordo com a Ficha de Informações de Segurança de Produtos Químico-FISPQ, a inalação concentrada do pó de carnaúba apresenta perigo como poeira irritante, podendo causar irritação ao sistema respiratório. Com isso, torna-se necessário o uso de melhores equipamentos de segurança, como máscaras adequadas durante o processo de batição.

**Figura 11: Casa onde é realizada a abatição**



Fonte: SANTOS, F. J. A. (2024).

Na imagem acima, pode ser observado de uma forma ampla a estrutura da casa onde é realizada a batificação da palha no cacete. A estrutura do espaço é bastante simples, feita também de forma manual, com barro e troncos de árvores e coberta

com a palha de carnaúba. Segundo o autor Branco (2022), as casas de taipa utilizadas para a batificação do pó de carnaúba são erguidas com saberes populares, utilizando barro, madeira e palha de carnaúba, evidenciando a rusticidade da prática extrativista.

A conhecida casa de taipa, segundo a definição de DI MARCO (1984), a casa de taipa consiste no preenchimento, com uma mistura de água, terras e fibras, de uma estrutura de madeira formada por ripas horizontais e verticais, com amarração feita de tiras de cipó. A construção dessas casas é feita com base nos saberes passados de geração por geração, assim como o manuseio da palha de carnaúba.

De acordo com o artigo intitulado “Obstáculos as Inovações na Cadeia Produtora da Cera de Carnaúba”, o pó não chega a ser armazenado; é comercializado logo após ser extraído, devido à precária condição financeira dos trabalhadores. A batificação com cacete e a fabricação de produtos artesanais são realizadas, em geral, com trabalho familiar”, após a retirada do pó, a palha já está pronta para ser usada no artesanato. (Santos; Gomes; Nascimento, 2009).

Como aponta Branco (2022), é comum que a palha remanescente da extração do pó seja reaproveitada para atividades artesanais, como a confecção de redes, chapéus e vassouras, fortalecendo a economia familiar local.

### **3.2 A arte da vassoura de carnaúba**

Os principais produtos feitos através da carnaúba são os não madeireiros. A Portaria nº 432/2008 do Ministério da Agricultura (Brasil, 2008), define produtos não madeireiros como todos os materiais de origem vegetal e fúngica oriundos dos ecossistemas nativos ou agroecossistemas, produtos brutos e seus subprodutos, como raízes, cogumelos, cascas, cipós, folhas, flores, frutos, sementes, exsudatos e fibras, destinados aos usos medicinal, ornamental, aromático, alimentar, industrial, religioso e artesanal.

E da carnaúba tudo é aproveitado. A palmeira é a parte com maior aproveitamento econômico pois é dela que se extrai o pó do qual é feito a cera que possui grande importância e demanda no mercado internacional e possui também utilidade na produção de bens utilitários ou ornamentais (Gomes; Nascimento, 2006).

Na comunidade Passarinho 2, município de Campo Maior, tive a oportunidade de conhecer e entrevistar um jovem que produz manualmente vassouras feitas com a

palha de carnaúba, como também bate a palha de forma manual, como mostrado acima. A palha da carnaúba é, depois da cera, o produto que tem maior importância econômica no Nordeste, através da produção artesanal. Segundo Araújo, o artesanato é uma:

[...] atividade exercida com instrumentos e técnicas rudimentares, a fim de elaborar total ou parcialmente um bem, podendo também contar com o uso de ferramentas consideradas modernas – como, por exemplo, uma máquina de costurar que utiliza até motor elétrico – desde que haja uma participação direta das pessoas que a manejam na determinação das formas do produto, ou parte deste, em elaboração (Araújo, 1996, p.38).

O artesanato, portanto, é uma atividade que pode ser exercida de forma mais simplista, como também com o uso de tecnologia através do uso de máquinas. No processo de produção da vassoura, que é realizado de forma totalmente manual desde o início do processo com a derrubada da palha até o momento da venda do produto, que é realizado sem apoio tecnológico.

**Figura 12: Amarração da palha para a produção de vassoura**



Fonte: SANTOS, F. J. A. (2024).

De acordo com relatos do jovem Francisco dos Santos, que no momento da foto estava realizando a amarração da palha, processo inicial na montagem da vassoura, o extrativismo da palha da carnaúba assegura para ele e sua família a principal fonte de renda durante o ano todo. Vale ressaltar que a atividade em estudo neste momento é a palha, que é utilizada na confecção de vassouras e não o pó cetrífero.

**Figura 13: palha armazenada em formato de cupim**

Fonte: SANTOS, F. J. A. (2024).

No período chuvoso não há retirada de palha e o ganho com o pó da carnaúba se torna inviável. Porém, a produção de vassouras não para pois a palha de carnaúba é preparada e armazenada em forma de cupim, como é observado na imagem acima, com a prática denominada de “cupinhar”, que consiste na organização da palha após a secagem no sol, empilhadas uma encima da outra, formando um “cupim”. Isso garante ao jovem Francisco, como também a outros produtores, a matéria-prima para a produção nos meses entre janeiro e junho, que é o período chuvoso.

**Figura 14: vassouras prontas para o comércio**

Fonte: SANTOS, F. J. A. (2024).

A atividade extrativista para a confecção de vassouras é de extrema importância social e econômica para produtores da Zona Rural de Campo Maior, sendo uma saída para a pobreza extrema. Na figura 14, podemos observar este produto já pronto para a comercialização. Em depoimento, Francisco afirma que a renda principal de sua família é a venda destas em uma feira na cidade de Altos, localizada a cerca de 43 km da cidade de Campo Maior. Em relato:

A produção das vassouras hoje me trás mais lucro do que o pó, porque consigo produzir o ano todo, até mesmo com as chuvas, já o pó, só lucro com ele entre junho até dezembro. Por isso trabalho junto com minha esposa, para conseguir aumentar a produção (Santos, 2024).

Como pode ser observado no decorrer da fala do entrevistado, o empenho familiar em todo o processo de produção da vassoura proporciona maior rentabilidade para os membros do grupo, além de aumentar a produtividade. A cultura da fabricação manual da vassoura feita da palha de carnaúba é repassada de geração em geração, garantido a conservação deste saber tão rico e regional.

Conforme discutido por Branco (2022), o saber-fazer relacionado à palha de carnaúba, como a fabricação de vassouras e cestas, é um legado intergeracional que preserva a memória e fortalece a identidade cultural do município de Campo Maior. Aguiar (2012), destaca que as vassouras desempenham um papel muito característico na região, assim tem importância para economia local, sendo uma arte que ajuda a desenvolver mercados.

A renda com a venda das vassouras varia de acordo com o ponto de venda. Na cidade de Altos, um pacote com 50 vassouras é vendido por 100 reais, saindo por 2 reais a unidade. No comércio, o valor unitário da vassoura varia entre 4 a 8 reais, um valor bem acima do preço repassado. Mas Francisco afirma que, ainda assim, consegue tirar um lucro suficiente para o sustento da sua casa.

Na região de Campo Maior, o destino do pó da carnaúba retirado no decorrer dos processos finais é normalmente um armazém de pó, que ficam localizado normalmente no centro da cidade, ou em muitos casos, vendem para os donos das máquinas que realizam a batificação.

**Figura 15: Armazém do pó no centro da cidade de Campo Maior**



Fonte: 180graus.com.br (2021).

Ainda em relato, Sousa (2024), nos conta que como no processo de batimento de palha no cacete é um processo mais lento e demorado, ele e sua esposa repetem esse processo diversas vezes até atingir uma determinada quantidade de pó. Só assim é que o levam para a comercialização no centro da cidade. Esses armazéns estocam e vendem o pó para a fábrica de cera de carnaúba que se localizada em um povoado chamado Alto do Meio, a cerca de 10 minutos do centro da cidade. A Brasil Ceras é uma empresa com grande referência nos processos que envolvem o refino e exportação de ceras de carnaúba.

Em seus mais de 20 anos de história, a Brasil Ceras tem, por meio de seus colaboradores, prezado pela entrega de ceras genuinamente naturais com alto padrão de qualidade, seguindo os critérios mais rigorosos de segurança para que os consumidores possam usufruir de produtos excelentes que geram valor para todos os envolvidos em sua cadeia e contribuem com o desenvolvimento sustentável e responsável (Equipe Brasil Ceras, 2024).

A Brasil Ceras mantém suas atividades funcionando normalmente durante todo o ano, até mesmo quando não está no verão, isso se dá pela grande produção de pó na cidade de Campo Maior e região. A pesquisa “Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) 2019”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou o Estado do Piauí como o maior produtor do pó de carnaúba o Brasil.

Dentro do solo piauENSE, considerado o maior produtor e exportador do pó de carnaúba, se destacam 3 cidades com elevados índices de produção: Nossa

Senhora de Nazaré, Campo Maior e Piracuruca, estes ocupam respectivamente o quinto, sexto, e sétimo lugar no Brasil, de acordo com os dados da pesquisa da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura - PEVS 2023, divulgados pelo IBGE. Através desses dados, podemos afirmar a grande participação da carnaúba tanto no meio cultural quanto no meio econômico no município de Campo Maior.

### 3.3 O Artesanato da Palha de Carnaúba: Memória, Economia e Identidade Cultural

O artesanato é uma forma de expressão cultural que carrega consigo o papel fundamental de preservação da identidade e cultura local e regional. Através do uso de materiais presentes na natureza, muitas famílias conseguem tirar seu sustento com a confecção de produtos feitos manualmente. Nesta pesquisa, através da perspectiva econômica e cultural, analisaremos a importância da confecção de bolsas, cestas e acessórios de palha de carnaúba na vida das artesãs campomaiorense.

**Figura 16: Grupo de artesãs curicacas**



Fonte: Artesanato da Palha de Carnaúba, (2022).

O grupo de artesãs Curicacas, criado em novembro de 2022, formado inicialmente por 14 mulheres da comunidade do Resolvido, Zona Rural de Campo Maior, se reuniram com o objetivo de resgatar a tradição do artesanato feito com a palha de carnaúba como uma forma de complementar a renda familiar. A artesã Maria

de Lurdes Carvalho, que participa do grupo desde sua criação, revelou através de uma entrevista, a origem do nome do grupo. Relata que:

Foi através de uma votação para escolher o nome do grupo, no momento foi colocado vários nomes em votação como Taboca, Curicaca e outro que não lembro mais o nome, mas sei que foi para votação e o nome escolhido foi Curicacas, que é nome de um pássaro bastante famoso na nossa região, famoso por ter uma grande resistência e um canto peculiar, apesar de sua extinção ainda vemos eles em bando, resistindo ao tempo, assim como o artesanato da palha de carnaúba (Carvalho, 2024).

Logo após a criação do grupo e da escolha do nome Curicacas, as artesãs de Campo Maior e um grupo vindo da Cidade de Piripiri, ambos da zona rural piauiense, tiveram acesso à aulas de gestão de negócios e também de trançados, que agregaram ainda mais às técnicas e à sofisticação dos trabalhos produzidos. Segundo as próprias artesãs, a iniciativa além de proporcionar uma melhor qualidade financeira para as famílias, também foi fundamental para melhorar a autoestima e saúde mental dessas mulheres.

O remédio que melhorou a autoestima e a renda das artesãs piauiense é fruto de um projeto de inclusão produtiva, calcado em uma estratégia de mercado em uma parceria da Nordestesse com a OIT (Organização Internacional do Trabalho). A OIT Brasil, por meio de verba do MPT, criou um projeto para resgatar os saberes artesanais dos produtos e valorizar comercialmente seus produtos (Folha de São Paulo, 2023).

As artesãs, além da melhoria nas suas situações financeiras e na autoestima, através da arte com a palha de carnaúba, ganharam também visibilidade nacional, através de um documentário produzido pelo MPT e OIT, que trouxe a melhoria de vida promovida pelo artesanato da carnaúba. “Entre tranças e tramas- A revolução artesanal das mulheres da carnaúba”, em um curta-metragem, com cerca de 15 minutos, expõe o relato das artesãs, com idades entre 18 e 70 anos, que, através da carnaúba, tiveram suas vidas entrelaçadas com o artesanato e com a palmeira, bastante abundante na região.

A cidade de Campo Maior, conhecida como “Terra dos carnaubais”, devido às extensas áreas cobertas pela palmeira, é bastante reconhecida pela produção do pó de carnaúba, como também pelo Estado do Piauí. De acordo com a pesquisa realizada pelo Extrativismo Vegetal e da Silvicultura (PEVS), do instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o nosso estado é o maior produtor do pó de carnaúba do Brasil.

Em vista desta grande produção em território piauiense, o Ministério Público do Trabalho, realizou diversas fiscalizações de inspeção do trabalho nas quais foram identificados diversas situações de serviços análogos a escravidão nessa cadeia produtiva no Estado. Após inspeções e multas aplicadas, com o dinheiro arrecadado o Ministério Público convocou a OIT e a partir daí, foi elaborado um projeto pensado na melhoria da situação da vida desses trabalhadores e de suas famílias. (OIT BrasBrasil- 2024).

Essas informações, presentes logo no início do documentário, são de suma importância, pois conscientiza a necessidade de supervisionamento e, principalmente, sobre o motivo principal do surgimento do projeto. No decorrer do curta, é relatado a riqueza da palha de carnaúba e a necessidade de resgatar velhas culturas já existente.

### 3.3.1 Etapas da Produção Artesanal com Palha de Carnaúba

O processo da confecção das bolsas tem início com a derrubada da palha de carnaúba, a principal matéria-prima utilizada pelas curicacas. Logo após, as palhas passam pela riscagem, que é a etapa na qual as folhas da carnaúba são divididas ao meio. Em seguida, as artesãs dão início à produção das bolsas e cestos.

**Figura 17: Processo de confecção das bolsas**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

Para a confecção, a primeira etapa é o trançado, que é a base para todas as produções feitas. Este processo pode ser observado na imagem número 16. Com o trançado pronto, a peça começa a ganhar forma, tamanho e modelo. Maria de Lurdes Carvalho (2025) explica como é feito cada etapa e compara a importância das medidas com as de receita de um bolo: “igual quando vamos fazer um bolo que tem que seguir a receita, no artesanato também tem uma receita a ser seguida, para ficar tudo igual no final”.

Com todos os trançados prontos, chega o momento da montagem e decoração da peça. Como pode ser observado na imagem 18, a bolsa já está montada, a espera apenas dos acabamentos, que são feitos também com o uso de matérias disponíveis na natureza.

**Figura 18: Resultado da bolsa**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

Com o acabamento feito com couro de bode (animal muito presente na região) semente de frutas e até mesmo da carnaúba, o resultado trás aspectos únicos as peças, como pode ser observado na imagem acima. As artesãs explicam que cada peça leva um nome escolhido pela pessoa que a produz, podendo ser o seu próprio ou de algum familiar, como uma forma de homenagear as mulheres da região.

**Figura 19: Artesã Maria de Lurdes Carvalho**



Fonte: SOUSA, F. K. L. (2024).

A divulgação e reconhecimento das peças produzidas pelo grupo cresce cada vez mais. Maria de Lurdes posa para foto com um sorriso no rosto, pois carrega consigo o orgulho e felicidade pelo reconhecimento de seus trabalhos. No ano de 2024, peças da Maria de Lurdes e de suas colegas foram expostas no evento da Expoartesanias 2024, que aconteceu em Bogotá, capital da Colômbia.

Este evento é uma das maiores feiras internacionais de artesanato da América Latina. A participação do grupo de artesã piauiense neste evento evidencia a força e o poder do artesanato produzido por essas mulheres. Proporciona também, uma maior confiança para as artesãs a cerca de seus trabalhos.

Desde a criação do grupo, a participação em eventos passou a ser constantes. Tanto em eventos locais, quantoacionais e internacionais. Apenas com um ano e sete meses após sua criação, as Curicacas faziam sua estreia no Piauí Sampa 2024, um evento promovido pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

**Figura 20: Elisângela Pereira representando artesãs do Piauí Sampa**



Fonte: GP1, (2024).

A artesã Elisângela Pereira, que foi ao evento representando as artesãs piauienses em São Paulo, em uma entrevista realizada pelo GP1 (um portal de notícias brasileiro), destacou que por mais recente que seja o surgimento dos grupos de artesãs, elas já possuem uma trajetória significativa no Estado do Piauí e se difundem para outros estados também. A participação nesses eventos ressalta riqueza e potencial. Neste contexto, o artesanato trata-se de um:

[...] patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. (Horta, 1999, p.6).

Dessa forma, o patrimônio cultural pode ser observado não somente como elemento exclusivamente do passado, mas como um recurso importante na construção de saberes e identidades coletivas no presente. É o caso das artesãs que trabalham com a palha da carnaúba, que, através de seus conhecimentos e técnicas resgataram um legado transmitido de geração por geração, construindo uma melhor qualidade de vida para essas mulheres.

Convém destacar que a escolha dos trabalhadores que praticam a extração da cera da carnaúba para participar da pesquisa foi por intermédio do meu pai, que foi o

primeiro a ser entrevistado e logo após me apresentou a outros trabalhadores. A elaboração das perguntas foi feita com base nos meus conhecimentos prévios sobre o tema e as informações foram fluindo no decorrer da entrevista, esses entrevistados optaram por não tirarem fotos, seja deles mesmo ou do local de trabalho

Sobre as artesãs, cheguei até elas por indicação de moradores da região onde eu vivo. Ao entrar em contato com elas fui convidada a participar de uma reunião do grupo que acontece de forma mensal. Nesta oportunidade, pude conhecer as integrantes do grupo e entrevistar uma delas (entrevistei apenas uma, porque, além da reunião, aconteciam também oficinas para que elas pudessem melhorar suas técnicas. Então, para não atrapalhar o desenrolar do que elas já haviam sido programadas entrevistei apenas uma integrante).

Considerando nosso objetivo de estudo de analisar a cultura da carnaúba em Campo Maior, percebe-se que a mesma tem um papel fundamental na transformação da vida das mulheres artesãs, principalmente no aspecto financeiro. Esta palmeira se destaca por ser a principal matéria-prima na confecção de bolsas, cestos e acessórios que são comercializados nacionalmente trazendo confiança, credibilidade e autonomia para as mulheres que as produzem. Além de gerar recursos para suas famílias e para a comunidade, ajuda a fortalecer a economia local e aumenta a valorização do trabalho feminino.

**Figura 21: Produção de cestos de palha de carnaúba**



Fonte: Artesanato da Palha de Carnaúba, (2024).

Na figura 21, a artesã Antônia Rodrigues posa com o “Cesto Labirinto”, uma obra exclusiva produzida por ela. Os preços variam de acordo com o tamanho e detalhes pedido pelo cliente, por este motivo nas entrevistas não foi abordado diretamente sobre os valores.

Dessa forma, tem-se um mergulho no universo simbólico, econômico e social que permeia a carnaúba na cidade de Campo Maior. A História Oral foi adotada como metodologia central e permitiu compreender saberes tradicionais, desafios e estratégias de sobrevivência e resistência dos trabalhadores e trabalhadoras que vivem da extração e do aproveitamento da palmeira.

A árvore da vida, como muitos chamam a carnaúba, não é somente um recurso vegetal é um marco civilizatório do semiárido piauiense. A carnaúba é uma presença constante no imaginário popular, reforçada pelas práticas cotidianas de produção e da oralidade herdada. Conforme entende Jesus (2020), a palmeira tem mais do que valor material, ela se constitui em um símbolo identitário da cidade de Campo Maior. As entrevistas demonstram que o trabalho com a carnaúba muitas vezes tem início na infância, constituindo-se em uma tradição que atravessa gerações, inserindo os sujeitos em um ciclo produtivo de natureza comunitária e familiar.

Ainda foi possível perceber que a produção da cera de carnaúba está inserida em um contexto de contradições socioeconômicas, pois, de um lado ela constitui-se em principal fonte de renda para dezenas de famílias e de outro evidência informalidade, ausência de proteção e risco de trabalho degradante como entende Araújo (2008), e é evidenciado nos depoimentos de trabalhadores que relataram ter medo de fiscalizações, reforçando a urgência de políticas públicas que encontram-se voltadas à valorização e formalização dessa cadeia produtiva.

Houve ainda um destaque ao trabalho das mulheres artesãs, como as Curicacas, que transformaram a palha da carnaúba em arte e emancipação. O projeto desenvolvido em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Nordestesse não apenas gerou renda, mas também resgatou saberes ancestrais e fortaleceu a autoestima das participantes, como destaca o documentário Entre Tranças e Tramas (OIT, 2024). O artesanato com palha de carnaúba é portanto um poderoso instrumento de reconstrução simbólica e empoderamento feminino revelando o potencial da cultura popular como meio de inclusão produtiva.

Aqui, convém ressaltar que Barthes (1980) reforça que imagens e signos ganham camadas de significado cultural e simbólico, ajudando a compreender que a carnaúba não é só matéria-prima, mas também uma expressão sensível da identidade local. Nessa conjuntura Candido (2006), lembra que a literatura e as manifestações culturais oferecem ao pesquisador caminhos para interpretar os fenômenos sociais para além dos dados brutos, tocando as emoções, as memórias e os vínculos comunitários.

O olhar sensível direcionado a carnaúba é celebrada nos versos de cordelistas como José Cunha Neto e João Rodrigues Ferreira, estes homenageiam a palmeira dando a esta uma dimensão simbólica de resistência, de fartura e de beleza. Muitas vezes os meios sociais acabam inviabilizando o ciclo produtivo da carnaúba mas a verdade é que este é um ciclo de vida, trabalho, fé e cultura.

Como destaca Queiroga (2017), o manejo tradicional da carnaúba, mesmo diante da modernização e da mecanização, ainda carrega os traços da cultura camponesa onde o conhecimento empírico e o pertencimento ao território são centrais. É esse saber não escolarizado, muitas vezes transmitido de forma oral e informal, que constitui um patrimônio cultural imaterial, conforme reconhecido por Horta (1999), e que deve ser valorizado e preservado.

Assim, a realização do estudo a respeito do ciclo de carnaúba em Campo Maior evidencia que a palmeira não é somente um símbolo de resistir a seca, mas também de resiliência humana, de criação cultural e de economia solidária, que se mostra capaz de unir trabalhadores, artesãos, artistas e poetas em torno de uma mesma raiz histórica.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado teve como objetivo analisar a cultura da carnaúba, assim como seu valor simbólico para o município de Campo Maior, através da realização de uma abordagem interdisciplinar envolvendo História Oral, literatura popular, documentação histórica e observação direta. A carnaúba é muito mais do que uma palmeira resistente do semiárido nordestino, tendo se revelado um elemento estruturante da identidade coletiva, mantendo um elo entre gerações, correspondendo a um motor econômico e um ícone da cultura local.

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que o ciclo da carnaúba, desde a extração do pó até o artesanato com a palha é mais do que um processo técnico ou produtivo: constitui-se em uma experiência carregada de significados sociais, afetivos e culturais. Os relatos orais demonstraram que o saber acerca da carnaúba é transmitido entre gerações com forte base na oralidade e na vivência comunitária, o que nos remete à noção de patrimônio imaterial. Esse patrimônio expressa modos de fazer e também de modos de ser e de sentir, que moldam as subjetividades e os vínculos sociais. No plano social, a carnaúba representa uma fonte de renda para diversas famílias na cidade o que organiza relações de trabalho comunitário e revela a importância da agricultura e do extrativismo familiar. No aspecto afetivo, as memórias construídas em torno da palmeira, como por exemplo, o saber repassado entre gerações, os momentos compartilhados em família e as vivências da infância, ressaltam o vínculo emocional das pessoas com esse bem natural. Por fim, do ponto de vista cultural, a carnaúba se manifesta como símbolo identitário da terra campomaiorense, presente na literatura de cordel, nas poesias, nas lendas, nas danças e nos saberes artesanais. Essas representações mostram que a carnaúba não é apenas uma planta nativa do semiárido, ela é um elemento constitutivo da memória coletiva e da construção do pertencimento local.

Foram analisadas as obras de José Cunha Neto, João Rodrigues Ferreira, Valdecy Alves, representações literárias que reforçam o lugar simbólico da carnaúba como signo de resistência, fertilidade e identidade cultural nordestina. A carnaúba foi exaltada no cordel e na poesia fazendo com que deixe de ser apenas uma planta e se torne uma figura carregada de significados construídos socialmente, como a capacidade de resistir a seca e as adversidades climáticas, o que a transforma num símbolo de resiliência do sertanejo. A carnaúba ganhou corpo nas imagens, versos e

nas narrativas populares, reconfigurando-se através de um olhar coletivo do povo, que enxerga nesse bem mais do que um sustento, sendo também motivo de orgulho, uma figura quase mítica: “árvore da vida”, “índia morena”, “tesouro do sertão”, incorporando elementos da beleza natural, da força e cultura, sendo compreendida como ícone da identidade regional.

O estudo mostrou que a literatura popular pode ser um meio legítimo de compreensão dos fenômenos sociais. A integração da literatura e história mostrou que é importante valorizar aquilo que muitas vezes é silenciado pelas fontes oficiais: o olhar dos trabalhadores, das artesãs, dos poetas populares, das famílias que sobrevivem dos carnaubais. A literatura, assim como a História Oral trazem vozes a muitos sujeitos e permitem compreender muitas histórias.

A dimensão sociopolítica do ciclo da carnaúba não pode ser ignorada. É preciso olhar para a informalidade do trabalho, para precarização das condições laborais e o medo constante de fiscalizações, revelando contradições profundas, que devem ser enfrentadas através de políticas públicas voltadas à formalização, valorização e dignificação desses saberes e práticas. Isso é evidenciado por ações como o projeto desenvolvido com as artesãs do grupo Curicacas em parceria com a OIT, que foi destacado ao longo do trabalho.

O estudo realizado, que contou com as entrevistas, revelou ainda o protagonismo feminino na cadeia produtiva da carnaúba, tanto porque as mulheres são mão de obra, mas são também criadoras de arte, memória e resistência. O artesanato produzido com palha de carnaúba constitui-se em fonte de renda, torna-se um ato político de empoderamento, de visibilidade e de reconstrução identitária.

Convém mencionar, ainda, que esta pesquisa é um testemunho afetivo. Indo além de uma pesquisa acadêmica, representa um reencontro com a própria história, com a infância e com a herança familiar da autora, encontrando na carnaúba espelho de trajetória, símbolo de luta, de resistência e de esperança. O manejo tradicional é uma expressão da cultura camponesa, de modo que precisa ser preservado diante de avanços da modernização e do esquecimento.

O estudo conclui que a cultura da carnaúba em Campo Maior é uma poderosa expressão de entrelaçamento entre natureza, cultura e história. É importante reconhecer seu valor simbólico, econômico e identitário, pois é uma forma de reafirmar a importância da memória social e dos saberes locais em um mundo cada vez mais marcado pelo apagamento das tradições populares. Assim, essa pesquisa serve como

um passo de valorização de nossas raízes, e mostra que a carnaúba deve seguir com missão de alimentar corpos, inspirar poetas e enraizar histórias. Espera-se que novas pesquisas possam surgir enaltecendo o papel da carnaúba para trabalhadores e também como arte e memória social.

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. **Edição do autor.** Parnaíba, 1934.

ALVES, Roberta M. **A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico.** 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

ARAÚJO, J. L. L. O rastro da carnaúba no Piauí. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 198–205, 2008.

ARAÚJO, José Carlos Corrêa de. **A carnaúba: árvore da vida.** Fortaleza: Gráfica Arte Visual, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAYARD, Jean-Pierre. **História das lendas.** São Paulo: Book & Books Brasil.com, 2002.

BRANCO, Maria Eduarda Rezende Castelo. **O “ouro-verde” da “terra dos carnaubais”: a cultura da carnaúba em Campo Maior-PI (2019–2021).** 2022. Monografia (Licenciatura plena em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior, 2022.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, José Augusto. Quase toda poesia. In: SONEGHET, Hilário de **Cultura.** (Org.). Vitória: Flor & Cultura, 1995.

CARVALHO, Maria de Lurdes. **Entrevista concedida à autora.** Campo Maior-PI, 20 Dez. 2024.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DE LIMA, Reginaldo Gonçalves. **Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia.** Teresina: Gráfica Mendes, 1995.

DI MARCO, A. R. Pelos caminhos da terra. *Projeto*, n. 65, p. 47-59, jul. 1984.  
 EMBRAPA MEIO-NORTE. **Sustentabilidade e recursos naturais no semiárido: a importância da carnaúba.** Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2023. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1152877>. Acesso em: 12 out. 2024.

FERREIRA, João Rodrigues. **Carnaúba: a árvore da vida.** Juazeiro do Norte-CE: Tipografia Moderna, 2011.

GOMES, J. M. A.; NASCIMENTO, W. L. Visão sistêmica da cadeia produtiva da carnaúba. In: GOMES, J. M. A. (org.). **Cadeia produtiva da cera da carnaúba: diagnóstico e cenários.** Teresina: EDUFPI, p. 23-34.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HORTA, Maria Lucia de P. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

JESUS, Pauliana Maria de. **A cidade dos desejos: reflexões sobre a modernização de Campo Maior-PI (1930–1970).** Teresina: Cancioneiro, 2020.

LOPES, Carlos Renato. **Em busca do gênero lenda urbana.** 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151876322008000200009&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151876322008000200009&lang=pt). Acesso em: 11 out. 2024.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular. São Paulo: Brasiliense, 1983.**

NETO, José Cunha. **A cidade de Campo Maior em versos.** Campo Maior-PI, 1981. (Literatura de cordel).

NETO, José Cunha. **Homenagem a Campo Maior.** Campo Maior-PI, 1986. (Cordel autoral inédito).1986.

NOBRE, Francisca Érica Cardoso et al. Troca de saberes sobre o manejo da carnaúba: uma parceria entre Comunidade e universidade. **Cadernos de Agroecologia**, São Cristóvão, v. 15, n. 2, 2020.

NOLÉTO, Rafael. **Índia morena.** Letra de música. Produção independente, Teresina, 2021.

PEREIRA, Elisângela. **Entrevista publicada no portal GP1.** GP1, 2024. Disponível em: <https://www.gp1.com.br>. Acesso em: 12 out. 2024.

QUEIROGA, Vicente de Paula. **Carnaubeira: técnicas de plantio e aproveitamento industrial.** 2. ed. Campina Grande: AREPB, 2017.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo.** 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2006.

RODRIGUES, Verônica Pinto. **Copernicia cerifera Mart.: aspectos químicos e farmacológicos de uma palmeira brasileira.** 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Francisco dos. **Entrevista concedida à autora.** Campo Maior-PI, 26 mar. 2025.

SILVA, Antônio Sales Mendes da. **Entrevista concedida à autora.** Campo Maior-PI, 25 mar. 2025.

SILVA, Mara C. de O. **A leitura do cordel nas aulas de língua portuguesa no ensino médio.** 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

SOUSA, Francisca Karlyane Lima de. **Fotografias e registros dos processos de extração e produção artesanal com palha de carnaúba.** Arquivo pessoal. Campo Maior-PI, 2024–2025.

SOUSA, Francisco Antônio de. **Entrevista concedida à autora.** Campo Maior-PI, 25 mar. 2025.

WERNEK, Paulo. **Ilustração da obra A lenda da carnaúba, de Margarida Estrela Bandeira Duarte.** Rio de Janeiro: SESC, 2000